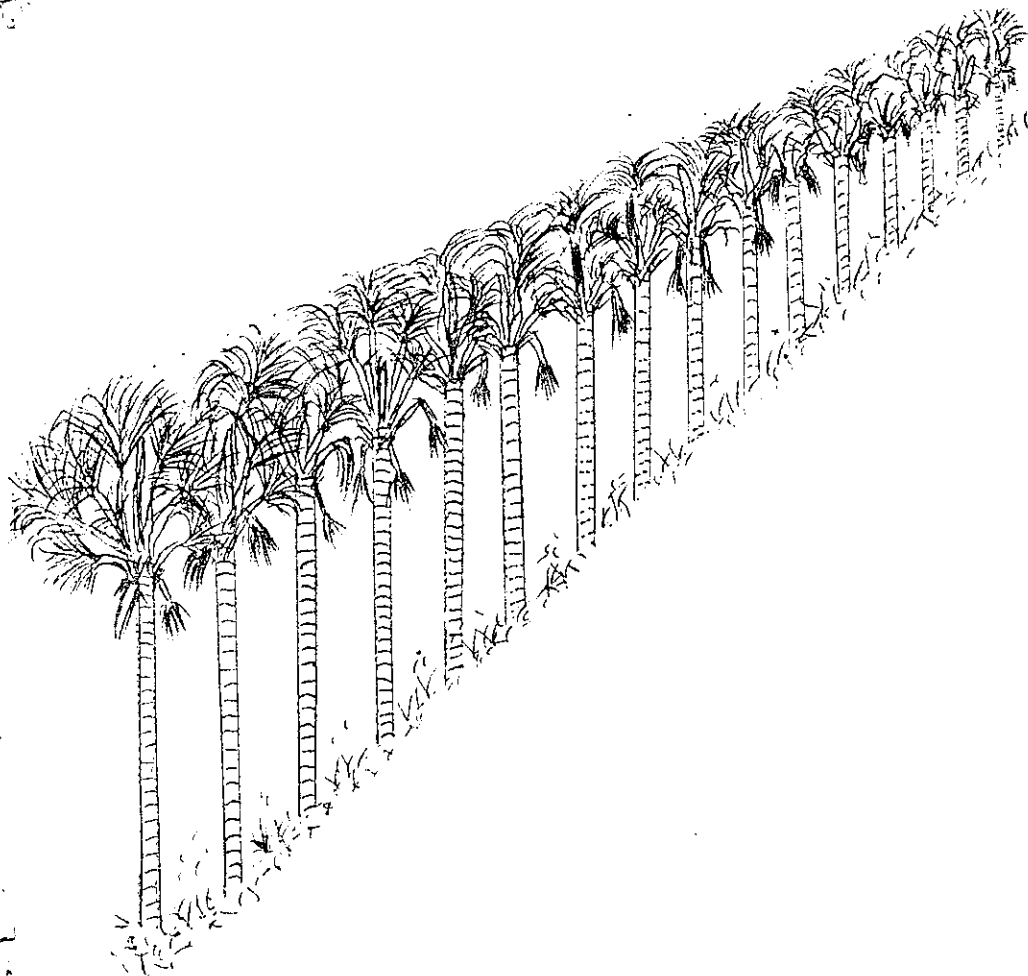


# Continuando o Caminho...

Witin Komanipi Emataurusri.



Sobral André

Boa Vista, junho /87.



Sobral Andee

Território Federal de Roraima  
Secretaria de Educação e Cultura  
Divisão de Ensino do Interior  
Núcleo de Educação Indígena

"Continuando o Caminho"  
"Wit'in Komaniñi Samatanuñi"

## AUTORES

(Folha)

1979

Maria

Helena Fideles Raposo

Marly de Souza

Televânia R. de Oliveira

Belizio Alves de Souza

Nazinha melquias de Lima

Elcimar Maduro Girão

Antônia da Conceição Pereira da Silva

Ursula Laciola Contreira

Elinia Maria de Souza

Sérgio André

Imácio Brito

João Franca Miguel

Celino Alexandre Raposo

Francisco das Chagas

Isaías Evangelista

Antonio Nogueira Batista

Aldemir Trindade

Rosilanda Lima Coelho

## Apresentação

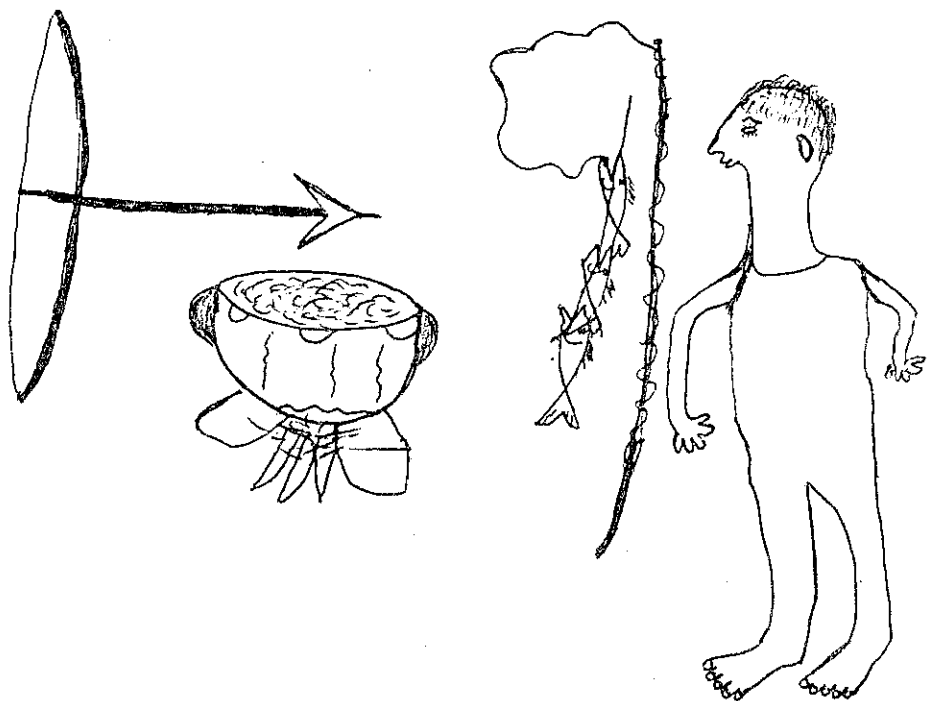
Em março, escrevemos um livro sobre nossos sonhos e nossas expectativas e sobre elementos da cultura indígena.

Agora, além de escrever sobre esses assuntos, escrevemos também sobre nossas experiências e nossas reflexões.

Tivemos pouco tempo para escrever "Continuando o Caminho", pois havia muito o que fazer: completar a Cartilha da Língua Portuguesa, aproximando-a da linguagem de criança, rever a versão preliminar da Cartilha Ilacúxi, discutir a implementação da proposta feita em março,

avaliar o que foi realizado neste primeiro semestre e refletir sobre aquisição de leitura e escrita.

Apesar disso, tentamos, nesta construção diária, continuar registrando a concretização de nossos sonhos, as nossas idéias e os nossos desejos.



Os motivos por que fizemos o  
que fizemos. (Texto Coletivo).

Saimos de nossas casas.

Helena veio da maloca da Raposa;  
Inácio, Elina e Sobral vieram da  
Maturuca região da serra que  
fica a 350 km de Boa Vista, Nagimla  
também veio da região da serra,  
maloca do Lailás; Ursula veio da  
maloca do Bananal, caminhou duas  
horas para pegar o ônibus em  
Sorocaima; Marli veio da maloca  
do Guariba, região do Lavrado;  
Antônio veio de Marixi região do  
Parime no Lavrado; Belizio veio  
da maloca Pedra Branca, no  
Cotingo, região da Serra. Os  
demais professores também vieram  
de longe.

Fizemos longas caminhadas a pé ou de bicicleta até o local em que passa o transporte (caminhão, carro ou ônibus). Ficamos muitas horas esperando esse transporte (Nazinha esperou 5 dias por um caminhão que vinha do Gramatã); Antônio esperou durante uma noite depois de ter andado um dia de bicicleta. Com as chuvas as estradas estavam atolando. Foi difícil fazer o trajeto.

Deixamos a família, os alunos, a casa, as melancias bonitas e maduras (e tivemos de comprar melancia aqui).

Muitos ficaram gripados, resfriados e com febre, como aconteceu com o Francisco e a Etúnia.

Trabalhamos durante cinco dias, trabalhamos inclusive no Sábado e no feriado de Segunda - Feira.

Nesse período, continuamos reformulando a cartilha em língua Portuguesa; revisamos e ampliamos a Cartilha Makuxi e refletimos sobre alfabetização, ensino e educação.

Fizemos esse trabalho para que nossas crianças aprendam a ler e a escrever com mais alegria, mais incentivo, mais interesse, mais facilidade, por que as palavras do livro são as palavras delas, por que o livro tem a ver com a realidade em que vivem. Fizemos esse trabalho para que as

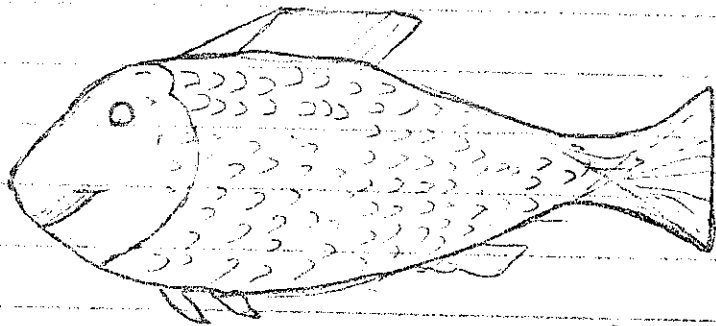


7

crianças preservem sua língua e, com ela sua história e sua cultura e não percam sua identidade.

Com esse trabalho, crescemos coletivamente. Juntamos nossas saberes e nossas informações. Pensamos o nosso mundo a nossa realidade.

Com tudo isso, buscamos preservar o que temos de bom, valorizar o que temos, conseguir um mundo melhor.



Curimata

O mundo está mudando.

Os saberes da cultura indígena que oralmente eram transmitidos pelos mais velhos estão desaparecendo. Como esses saberes (histórias, danças, artesanatos, benzedeiras, costumes, medicina, alimentação, lendas, cantos, instrumentos e sobre tudo a língua) são muito importantes porque se o índio os perder perde sua própria identidade, hoje é preciso registrá-los através da escrita para os mais novos lerem.

Também os índios, em contato com a sociedade envolvente, que é uma sociedade letrada, precisa ler e escrever para conhecer seus direitos (Estatuto do índio e a Constituição Federal) para garantir

esses direitos eles se servem de documentos escritos como (telex, abaixo-assinados, cartas).

Em razão dos problemas da terra, os documentos sobre demarcação passaram a ser muito importantes. É preciso saber ler esses documentos.

Consideramos que ler e escrever é a segunda independência do povo indígena. A primeira independência é a terra, a terra demarcada, a terra garantida, a terra na extensão que o índio precisa.

Os produtos excedentes (farinha, feijão, banana, melancia, mamão abacaxi) bem como os minérios (ouro e diamante) são comercializados

nas cantinas e nas feiras. Para fazer esse comércio, precisa-se escrever e contar. Esses conhecimentos também são úteis para negociar com os amanteiros.

Também na vida religiosa ler e escrever importante porque se lê a Bíblia, os cantos, os ritos e as orações e se escrevem na língua materna, cantos e textos.

Quando o índio precisa ir à cidade (fazer compras, tirar documentos quando for necessário, cuidar da saúde, vender produtos) ele precisa orientar-se nela, ler nome de rua, ler nome de repartições, de casas comerciais e de ônibus, de sinais de trânsito. Para isso tudo, ele precisa saber. Para mandar e pedir notícias,

podem-se escrever carta em  
bilhete aos parentes.

Existem outros motivos  
para aprender a ler e a escre-  
ver?

Timbó



Figueiredo Pauline

O timbó não faz efeito quan-  
do se chama outros nomes  
como "jacaré" e "sucuriju", ou  
quando se faz "xixi" na  
água ou quando mulher  
menstruada passa no iga-  
rapé ou ainda quando  
a benzedura não é pro-  
pícia.

## Uma Pescaria

Certa vez, os índios foram pescar em igarapés que estavam apartados.

Levaram timbós e a pescaria começou muito animada, mas ninguém pescou nada. O timbó não fez nenhum efeito.

Foi, então, que o tuchauá descobriu que a mulher de um dos pescadores estava gestante; por isso que o timbó não fazia efeito.

Antonio Nogueira Batista  
Escola de 1.<sup>o</sup> Grau Homero Cruz  
Mal. Mauili - Reg. Paraná.

## Genro Carrapato.

No certo dia, o carrapato casou-se a mulher deixada pelo carapanã, por isso ficou sendo genro do velho.

Um dia ele foi, com sua mulher, tirar jarai (eron). Eles acharam jarai madura e o carrapato subiu no pé de jarai para tirar as frutas. Jogou-as no chão. A mulher pegou-as e amassou-as no jamaxim. O carrapato perguntou:

- Já chega?

- Sim, chega. Meu jamaxim já está cheio - respondeu a mulher. Então, o carrapato disse:

- Espera! Olha como eu caio da árvore.

Ele tirou uma folha, agarrou-se a ela e caiu. Em seguida levantou-se transformado em gente.

14  
Eles voltaram. Chegaram na casa e chuparam as farafas. Depois o velho perguntou à sua filha:

- Como seu marido colheu estas frutas, minha filha?

Ela respondeu: e contou tudo como seu marido tinha feito.

- Ah! Eu também faço assim como ele! - disse o velho.

- Vamos colher farafas, minha velha! - falou para a mulher dele, como o seu genro carrapato tinha feito.

Eles foram. Acharam as farafas bem maduras, o velho subiu na árvore e jogou as frutas no chão. Depois disse à sua esposa:

- Já chega, minha velha?

- Sim, chega! - respondeu ela.

- Então olha como eu caio!

- falou o velho.



15

Pegou um galho e jogou-se:  
Caiu no chão e não se  
levantou mais e morreu.

~~Desenho~~



Desenho de  
Figueiredo, Paulina

O milho e os compadres

certo dia o Periquito, "o compadre da Mãe d'água" foi até à casa de sua comadre. A comadre mãe d'água o recebeu muito bem. Ele chegou na hora em que ela estava desbulhando o milho. Em um momento na hora do trabalho os grãos de milho caem por toda parte. A mãe d'água era muito esgosta, não podia um grão. O periquito muito esperto juntou um grão e escondeu embaixo do bico, mas a comadre dava a falta de um grão. Então, o compadre se despediu e foi para sua casa, onde encontrou os seus filhinhos famintos. O compadre periquito deixou o grão de milho na casa e foi atrás de comida que os filhos mais desejavam.

Passando uma pessoa perto daquele lugar, viu que tinha alguns filhotes. E aproximou-se dos filhotes. Viu dentro da casa e pegou o grão, um grão que nunca tinha visto.

É interessou-se daquele grão e levou para plantar, e assim fez. Nasceu, cresceu e deu umas espigas bonitas. Ele procurou plantar mais, provou que o milho era muito bom. Já hoje temos milho.

Celino Alexandre Raposo.

Éis o nosso desejo.

Tudo o que se estuda e que dá um bom resultado é conveniente e obrigação do responsável.

(Como) Encontramos um meio para determinar e alcançar o nosso objetivo, por isso deve haver mais esforço da nossa parte, isto é, "os professores" e é perguntar ou nos informar com a nossa professora "Aldemira" que de longe veio nos trazer conhecimentos de sua experiência de 20 anos.

Aqui no nosso curso deve haver sonhos do amanhã. Quanto a palavra da nossa professora Aldemira, está absolutamente completa, perante o nosso querer e do povo maexi.

Eu, Celino, desejo a senhora que esteja forte nestes dias e que com o seu espírito inspirador, enriqueça o nosso espírito.

Celino Alexandre Raposo.

## Uma experiência

No ano passado, meus colegas ensinaram a consoante "t" a partir da palavra TELEFONE. Senti que era difícil para as crianças falarem sobre essa palavra embora a professora explicasse muito, falasse muito sobre ela. As crianças nada tinham a acrescentar. Apenas repetiam o que ouviam da professora.

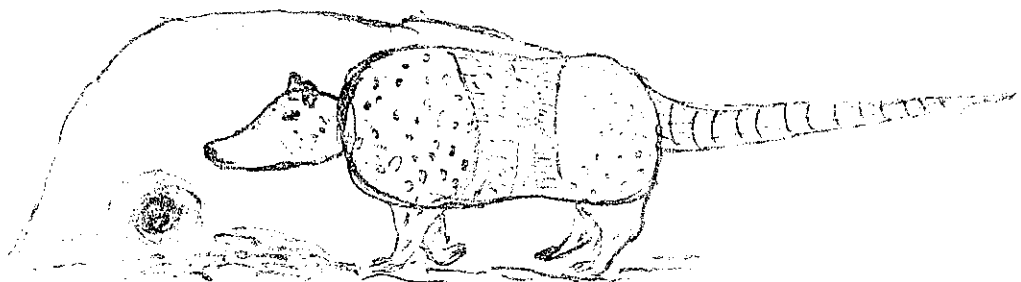
Este ano, trabalhei a consoante "t" com a palavra "Tatu".

Quando comecei a falar sobre "Tatu", percebi o entusiasmo das crianças. Cada uma tinha uma coisa para contar ou para dizer. Até aprendi muitas coisas com os alunos. Eles sabiam que haviam o tatu bota e o tatu peba. Sabiam onde o tatu vivia, como

fazia para pegá-los. Contavam histórias de caçadas que faziam com o pei. Misaque, um menino Mapixana, de oito anos, deu miudinho e pequeno, contar que havia encontrado um buraco com sete tocos. Alguns contaram que às vezes estavam com sono na sala de aula porque, à noite, haviam saído com o pei a caçar.

Aprenderam rapidamente a escrever "tatu".

Com o interesse pelo assunto, falaram muito por eles mesmos, sem ficar só repetindo o que ouviam do professor. Percebi que assim eles aprenderam a palavra e desenvolveram sua linguagem oral.



celino Alexandre Lopes.

Solivânia.

Tabela de 1º Grau: Sizenan-  
do Viniz - maloca mala-  
cacluta.

## Minha Experiência

Logo que comecei a trabalhar, foi assim: eu convidei três pessoas da Comunidade para nos ensinar, história do lugar onde moramos e estória também foi contado por eles. Foi uma coisa maravilhosa, aprendemos, história e estória que nós não sabíamos. Depois de muitas explicações, "os nossos professores" faziam perguntas para os alunos, os alunos respondiam com maior facilidade isso era oralmente, eles ficaram maravilhados com respostas dadas pelos alunos o que eles tinham contado. Depois de estudo feito por eles com os alunos, comecei fazer uma revisão oralmente sobre o que nós tínhamos aprendido com eles. Eles nos ensinaram o seguinte: os nomes dos rios, igarapés, das serras, benzedouras e parijara.

Depois passei exercício para ver se eles tinham aprendido, passei primeiro em ⇒

português e depois em macuxi, realmente eles aprenderiam, gostaram mais do parizara primeira aula que eles queriam era dançar parizara, e nós dançávamos. Depois outras atividade que nós fazíamos sem ser na escola, por exemplo: horta, poço e Mercado que eu deixei por fazer. Tudo isso para mim era uma aula que eu dava. Ensinei eles trabalhar com cuidado e com atenção, dizia ainda se nós irmos a igreja ao Trabalho Comunitário, seremos uma comunidade unida e bonita. Foi assim que eu realizei o meu trabalho na escola.

### Canto do parizara

(2) Payan: pai, payan: pai mori: pema  
Kiresimesi payan: pai mori: pema  
Kiresimesi payan: pai Wake: pema  
Kiresimesi. Belizio Alves de Souza.



## Minha Experiência

No ano passado, ficou difícil ensinar as crianças com a PiPOCA porque as palavras não eram do entendimento dela. As crianças da minha maloca sabem taurupang e um pouco de português. Quando eu dou aula, falo português.

Eles entendem, mas não fazem as respostas. Às vezes eu falo a língua com eles.

Este ano, depois do caso, eu troquei as palavras.

Troquei bibê por bai, boca por cuba, telefone por tatu. As crianças gastaram muito tempo com mais facilidade.

Li para os meus alunos o livrinho que fizemos no

Curso. Eles gostaram. Queriam  
que eu lesse as histórias  
todas as dias. Se também  
para os pais dos alunos

Eles gostaram.

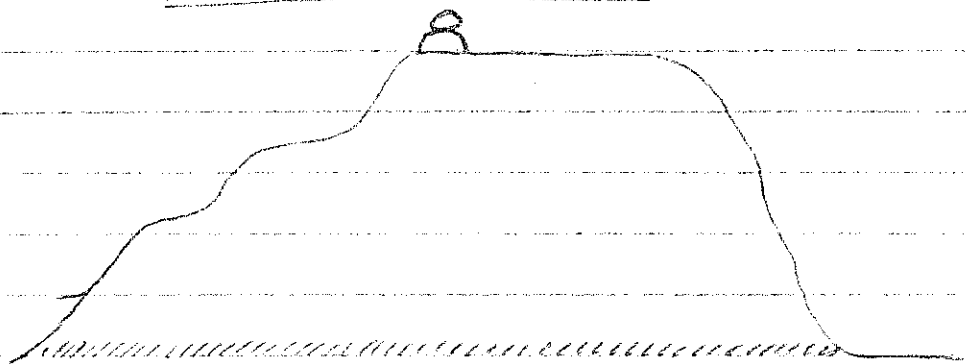
Contei que vinha estudar  
em Boa Vista. Contei da  
minha professora Adema.  
Disse que na volta ia  
levar mais histórias para  
contar.

Ursula Lóiola Contreiras

Nome da escola:

Arnoldo Vidal de Negreiros  
fica na Maloca do Bananal

ARAUTAIMI EPIN.



Pena insitinan yamî wani' pi  
 taasaseman to' asapitî' pi, pata po'.  
 Itisan noroimî epin pona, inkamero  
 erepimîpî mûrîni wî' pona.

Inkamero ya tiokonton arauta  
 wî'pî to' entamotapî, mîkîni  
 pupaipî nûmîpî to' ya wî' po.  
 mûrîni patapai wî' ese Arautaimî  
 epin.

mûrîni niken.

Françisco das Chagas de Souza

Makusi esetonoto kamo wininpe  
tawanipa.

Pena anna tamokon esekimapiti'pi  
kamo wininanpe tawanikonpa.

Miriri yenen eseuranti ikonekapiti'pi  
toya. Moro muran wanipi itese  
kumi ou kamarako moropai pimi.

Miriri yaroka toya moropai akita  
toya kamisa paipi ya, karupara ya  
purasa pokonpe, moropai mapoipi ya  
itiri toya tuna pokonpe. Tiwin wei

akomami moropai yapuri toya piati.  
yapurituya nikon rawiri kisa mo'ka  
toya yepise toya asirire ipoti,  
miriri tiri toya muran ya.

Miriri kisa yawonipi toya teuna  
yeuta kon yai. Iniri tiaron teuna  
yeuta kon yai yawonipi toya.

Miriri yepakatoya tinta kon yai,  
tinipi teuyake tuku'nai.

Mararipra min epaka. Miriri  
kunekaiya sakine ite'ka tiwin

wei tise, eeremapiya moro  
 pai komamiya. Miriri kone-  
 kaiya eseuru'ne wei kaisiri.  
 Moropai inniri amenanpe ikoneka.  
 Miriri warantiri yapuriiya.  
 Miriri konekapi akomami tiwin  
 ou saki'ne kapoi kaisiri. Inni pan-  
 pi iwone'pe tiwanipa yeimai-  
 ya: kamarako, kamisiki, mana-  
 won yami pokonpe.

Miririse iwone'pe makusi ena.  
 Tiise miriri waranti ese'tino pai  
 pra tawanixa, miriri muran  
 ke to'epi, saki'ne ite'ka eerama-  
 piya moropai ewarunya.  
 Miriri konekaiya tiwin ou saki'ne  
 kapoi kaisiri. Miriri waranti niri  
 Iwone'pe ena.

■ Pemonkon tesetino'sen waniya  
 Ikonikaiya pepin.  
 kawai pi wani pin.  
 kuwai ena piya pepin.  
 ekuma pepin.

Moropai e'maibe tînwîpî yanîya  
eserike pra awanî, miikîrî tesc-  
nupasen. Maasa pra yansaiya ya  
ikimâra ena.

Tesenupasen ya ipureme'sa ya,  
moropai tiaronya iwîsaya, yanî-  
ya pepîn, tîwîrî emînan Moron-  
kaiya.

Tiaron:

Wîrî morenya Ikamo'pî yanî-  
pepîn. Moropai nîrî wîrî esenma'-  
pi ya yanî pepîn.

IPU'tipa.

Warayo' esc'to'no'pî saki'ne pu'  
pona timotai kono pata pai.

Iwomîra waraxo' wani'ya  
ano'pita pepîn. Tîwakîrî pe  
wîrî ya ikupî pepîn

Mîrîrî nekîrî.

Imeruka tîpon - José França Miguel.

Escola - Raimundo Elog Gomes.

Localidade - Cararual - Recife - Cotinga.

## Cura do Índio para ser caçador.

Os nossos avós usavam as pucangas para serem bons caçadores.

Tinham uma planta que tinha raiz. Pegavam essa planta a pucanga e pisavam num pedaço de pano velho e logo em seguida colocavam numa vasilha (cuia). Esta pucanga se chama (kumi). Logo em seguida colocavam na água para passar uma noite de molho. Enquanto estava numa vasilha de água, iam tirar o olho de buriti e torciam com ponta bem fininha. No dia seguinte coloca o olho de buriti na pucanga e mete no buraco do nariz e respira fortemente para sair pela boca; e puxa bem devagar com a mão para fora. Nisto o nariz emite a sangue bastante. Repete-se duas vezes na mesma hora.

Fazia isto duas vezes por dia.

De manhã e de noite.

Quando acaba faz-se outra nova pucanga e usa durante três dias seguidos. Toda vez que termina o terceiro dia repete-se. Faz isto durante um ou dois meses, conforme a pessoa que pratica. Quando não quer se curar desse jeitô, com a mesma pucanga se cura, tomando banho duas vezes ao dia durante três dias. Repetindo o processo durante um ou dois meses. Para quem pratica, não pode:

fumar

comer buriti

namorar.

A primeira caça que mandarem matar o aprendiz não pode comer.

Do contrário não valerá a pucanga.

É se o aprendiz errar a primeira caça e outro matar não tinhar o direito de comer nem um pedacinho sequer. Deixavam o aprendiz passar fome.



Outros; que a mulher gestante não podia comer a caça que o aprendiz matava. E nem a mulher menstruada não podia comer.

Pois se comerem, eles (o aprendiz) são prejudicados.

Obr. Homem só podia se curar a partir de 12 anos de idade.

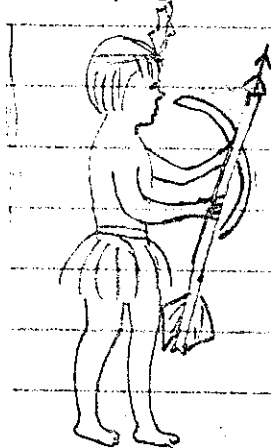
Caso o homem não soubesse caçar e matar, não tinha o direito de casar e nem as mulheres ~~am~~ não gostavam do homem.

Fim.

José França Mijuel

E. Prof. Raimundo Eloy Gomes

Local. Md. Caruaru - Pc. Cotinjo.



Antônia

## Deus e Satanás.

No princípio Deus criou o mundo perfeito, criou animais e vegetais e tudo o que há a final.

Deus fez uma grande árvore que nela pudesse dar todas as espécies de frutos, e assim fez.

O satanás inimigo das coisas que Deus criava, criou um rato, para roer as frutas. Deus viu a destruição e fez um gato, para acabar com os ratos. E novamente Deus criou; Bois, carneiros, cavalos. E o satanás não convencido, fez a onça para destruir a criação de Deus. E Deus criou o homem e a mulher e que dominassem toda a terra, e Deus foi para o Céu. Houve um período de seca, fome todos os animais sofreram de fome. Nessa época já havia o Enxiquiram. Eles tomavam

conta de todos animais.  
Todas as manhãs eles soltavam  
os animais para procurar ali-  
mentos, mas não conseguiam  
nada, chegavam de barriga  
vazia.

Um dia a eutia descobriu  
a árvore que deus tinha feito, e que  
nessa árvore havia frutas de  
todas as espécies.

Os donos viram que a eutia  
chegava toda tarde de barrigui-  
nha cheia. Logo pela manhã  
seguinte, acompanharam a eutia  
até a árvore. E encontraram  
uma árvore que dava todas as  
frutas. Pegaram dois machados  
e começaram a cortar.

A árvore caiu, no interior da  
árvore havia um canal, no  
qual brotou água em grande  
grande quantidade - levando as  
frutas por toda parte da terra. Pelino Raposo

### UM CASO ACONTECIDO.

NO CERTO DIA UM INDIÓ FILHO BEBADO DE PA-  
JUARU FORTE. ELE FOI PARA CASA DO VIZINHO COMEÇOU  
A BEBER ATÉ UMAS HORAS DA NOITE. O INDIÓ LEMBEU  
DE VOLTAR PARA SUA CASA. E FOI EMBORA.

CHEGOU EM SUA CASA, DORMIU. QUANDO FOI ÀS  
2:00 HORAS DA MADRUGADA, ELE ACORDOU COM MUITO  
FEIO E ESTAVA ESCURO. NÃO SABIA ONDE ESTAVA A  
REDE DA SUA MULHER.

CHAMOU VÁRIAS VEZES PELA SUA MULHER  
COM VOZ BAIXA.

JUVENTINA, JUVENTINA.

E A PATA QUE ESTAVA CHOCANDO OUVINDO A VOZ DO  
INDIÓ. RESPONDEU. - AAAA.

VENHA OLEITAR COMIGO.

- TAAA. A PATA RESPONDEU

E CONTINUOU PROCURANDO COM A MÃO.

DE REPENTE A PATA DEU UMA BICADA NELE.

ASSIM TERMINA A HISTÓRIA.

Sobral Andei.

O macaco e a onça.

Era uma vez o macaco  
e a onça.

O macaco estava tirando  
cipó lá a onça encontrou  
e perguntou o que estava  
fazendo, ele respondeu que  
estava tirando cipó,  
porque vem o vento muito  
forte.

Então disse que o cipó era  
para ele se amarrar numa  
árvore bem grande para  
o vento não carregar.

A onça caiu na onda e  
pediu que amarrar-se  
primeiro.

O macaco amarrou e  
foi se embora deixando  
a onça amarrado na  
árvore com cipó.

Marly de Souza. Es. Índio Marajo.

Minha Experiência

Trabalhei usando as palavras  
que são conhecidas

Obtive um resultado muito  
bom.

As crianças ficaram com  
uma curiosidade grande para  
aprender a ler e escrever os  
nomes dos objetos que elas já  
conhecem.

Eu fiquei impressionada com  
a forma de que cada um  
mostrou sua força de vontade.  
As palavras que usei foram as  
da cartilha que está sendo  
feita.

Usei os craxás com o nome  
de cada um.

Com os nomes pregado em cada  
objeto da sala de aula.

Elcimar Maduro Girão

## Minha experiência

Eu trabalhei com todas as palavrinhas da cartilha. Achei que foi um mês mais prático para mim e também para as crianças porque na medida em que eles vão fazendo o desenho, vão vendo os objetos e explorando, eles vão tendo mais conhecimentos e vai se desenvolvendo mais rápido para a leitura.

Eu trabalhei com a cartilha inteira, apesar de eu ter pego a cartilha um pouco atrasada eu dei todas as lições e ainda entrei na cartilha pipoca e fiquei na lição do (dado). eles já estão bastante desenvolvidos e estão muito contentes.

Eu fiz várias experiências com eles por exemplo:

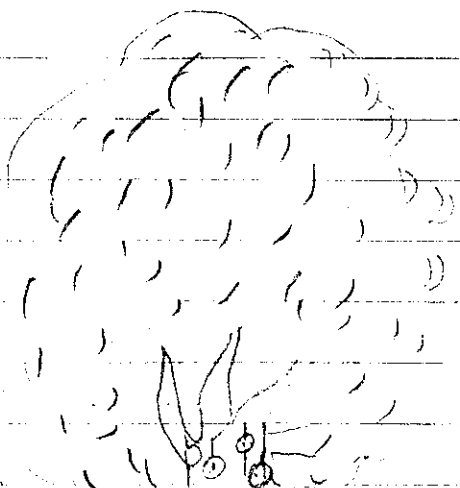
A lição da caba, foi um divertimento, mandei que eles trouxessem (Caba) para sala de aula e fomos estudar a caba, a palavra abano foi feita a mesma experiência e da cana também.

Além disso eu usei os crachás e as etiquetas, eles adoram esse trabalho.






Obs: Eu prometer um jabuti para a professora Aldema, o meu irmão pegou um jabuti no mato e me deu, eu deixei na casa do meu cunhado e ele soltou o jabuti, as desculpas que ele deu foi que colocou o jabuti para comer mato e ficou vigiando, de repente se descuidou e o jabuti fugiu.

Antônia da Conceição P. da Silva.





O jabuti  
quando fugiu  
encontrou um enor-  
me pé de jabutica-  
ba e foi matar  
sua fome.

Esta é uma simples lem-  
brança para você p/ª  
Aldeia, para quando  
o seu coração esquecer  
seus olhos  relebrarem  
da ami-   
ga que muito     
estima.

Antônia da Conceição.

Escola: Santa Luzia - Três Corações (Minas Gerais)

## Sugestões de Atividades

O objetivo das atividades sugeridas a seguir é possibilitar à criança a oportunidade de entender o funcionamento da escrita alfabética.

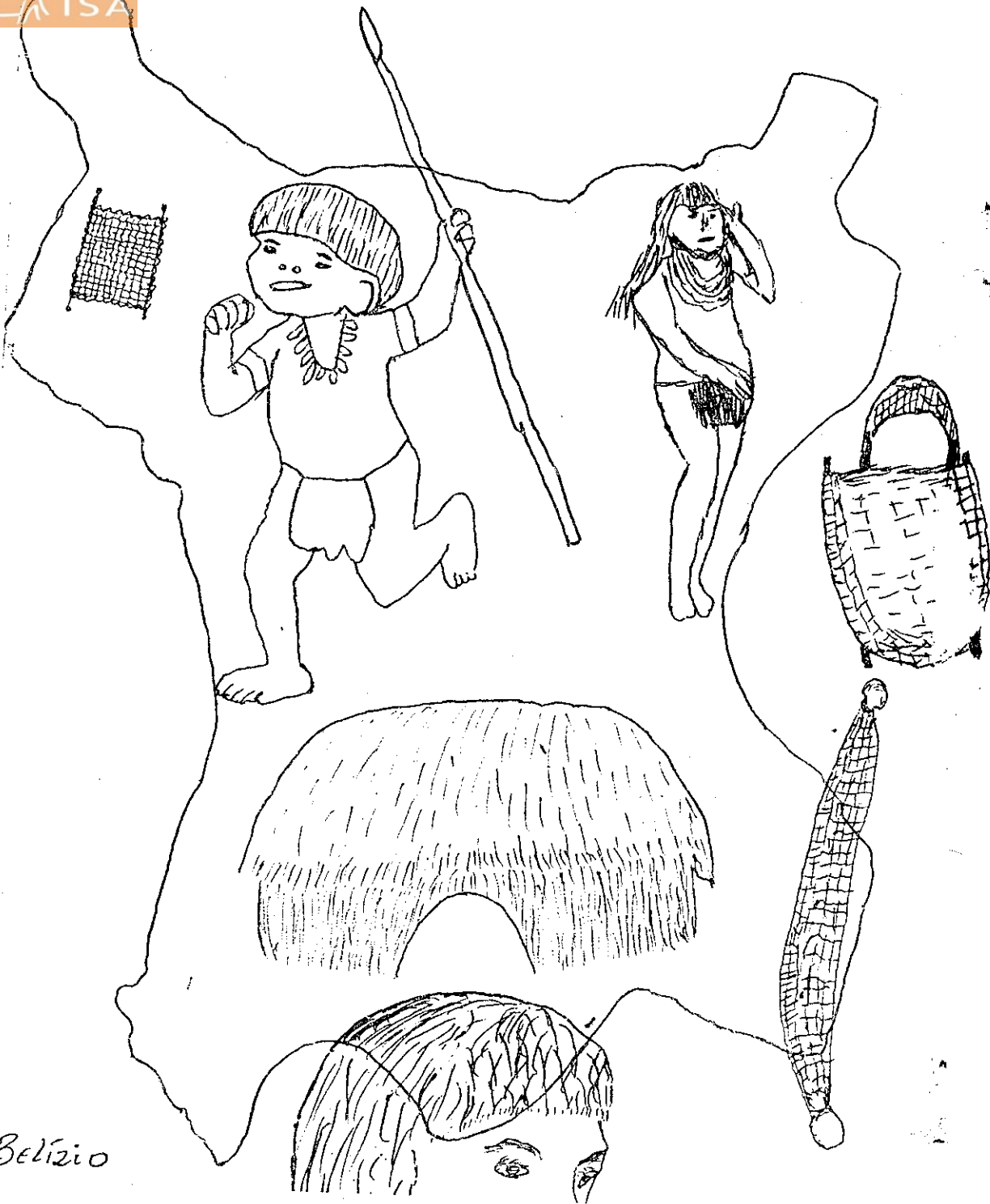
### a) Atividade de leitura

Pode ser feita todos os dias em sala de aula. Se o texto é do interesse da criança, o professor pode ler várias vezes o mesmo texto. Combina-se com as crianças que podem interromper e fazer perguntas. O significado das palavras o professor só explica se as crianças perguntam. Podem ler as lendas e as histórias escritas neste encontro.

### b) Atividades de leitura e de escrita

Após a atividade de leitura pode-se seguir o roteiro abaixo:

- as crianças escolhem uma palavra de acordo com a leitura;
- o professor escreve a palavra no quadro;
- o professor, apontando para as sílabas, pronuncia a palavra silabicamente;
- o professor pede para as crianças palavras parecidas com a palavra escrita, tanto no começo quanto no fim;
- o professor pode dizer e escrever palavras e perguntar as crianças qual o pedaço que é parecido;
- as crianças depois podem escolher uma ou mais palavras escritas e copiarem em seus cadernos.



Belizeio